



Representações sociais de Brasil e Europa para brasileiros migrantes na Europa

Social representations of Brazil and Europe to brazilians immigrants in Europe

Roberta Rangel BATISTA¹
Mariana BONOMO²

Resumo: A Europa tornou-se atrativa para brasileiros que buscam a emigração desde a década de 1980. Este território recebeu grande contingente de imigrantes, principalmente, em função de sua imagem de progresso econômico-social. Contudo, os imigrantes, vistos como categoria minoritária, passaram a ser um ônus para a sociedade europeia. Utilizando-se do aporte teórico da Teoria das Representações Sociais, o presente estudo objetivou conhecer as representações sociais de Brasil e Europa para 180 brasileiros residentes em seis territórios europeus. Foi utilizado um questionário semiestruturado com perguntas formuladas conforme técnica de associação livre. Os resultados mostraram que as representações sociais dos brasileiros a respeito do Brasil e da Europa, com a posituação do território europeu em detrimento do brasileiro, correspondem à função de justificar e orientar o processo migratório.

Palavras-chave: Brasil. Brasileiros. Europa. Imigrantes. Representações sociais.

Abstract: Europe has become attractive for Brazilians emigrants since the 1980s. This territory received large numbers of immigrants, mainly due to its image of economic and social progress. However, immigrants, seen as a minority category, have become a burden to the European society. Using the Theory of Social Representations, this study aimed to identify the social representations of Brazil and Europe to 180 Brazilians living in six European countries. A semi-structured questionnaire, containing questions based at the free association technique, was used. The results showed that the Brazilians' social representations of Brazil and Europe correspond to a function that guides and justify the immigration purpose.

Keywords: Brazil. Brazilians. Europe. Immigrants. Social representations.

Submetido em: 9/11/2015. Revisto em: 16/2/2015. Aceito em: 3/3/2016.

¹ Psicóloga. Mestre em Psicologia. Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). E-mail: <roberta.ufes2012@gmail.com>.

² Psicóloga. Doutora em Psicologia. Professora do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). E-mail: <marianadalbo@gmail.com>.

Introdução

A emigração de brasileiros para outros territórios é um fenômeno continuamente descrito como diáspora (MARGOLIS, 2013), processo ativo e difuso que envolve os mais diversos países do globo. De acordo com os emigrantes, dentre as causas para a saída de nacionais do Brasil, encontram-se o aumento da burocracia, da insegurança econômica e da violência no país, o que intensificou o fluxo migratório entre as décadas de 1980 e 1990 (FUSCO, 2002; MARGOLIS, 2013; SCHERVIER, 2005; TEDESCO; MACIEL, 2008;). Em 2011, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE) estimava que o número de brasileiros migrantes no mundo seria de aproximadamente 3 milhões de pessoas, com a maioria fixando residência nos Estados Unidos (cerca de 1 milhão) e na Europa (cerca de 900 mil brasileiros) (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011). Apesar da crise econômica instaurada na Europa a partir de 2007 e 2008, dados recentes indicam que os brasileiros ainda permanecem em número significativo em território europeu (BRUM; BEDIN; PEDROSO, 2012; MOTA, 2013).

A vantagem econômica da moeda europeia frente à moeda brasileira associada à dificuldade de entrar nos Estados Unidos após os atentados em Washington e Nova York no ano de 2001 (TORRESAN, 2013) determinam a escolha de migrar para a Europa. A possibilidade de muitos brasileiros descendentes de europeus conseguirem entrar legalmente no continente por meio de uma segunda cidadania (TORRESAN, 2013; ZANINI; ASSIS; BENEDUZI, 2013) também se tornou um atrativo para a preferência por esse território.

A presença de imigrantes em território europeu, contudo, é considerada paradoxal, a depender das vantagens ou desvantagens que trazem para os territórios de destino. Em meados do século XX, por exemplo, os imigrantes auxiliaram na reconstrução dos países europeus após as guerras mundiais, trabalhando na reabilitação de prédios e monumentos históricos (PADILLA; ORTIZ, 2012). Todavia, com o fim das obras, o esperado retorno para os países de origem não ocorreu, pois o território havia se tornado parâmetro na economia mundial (COGO, 2001; OLIVEIRA, 2012). A partir de então, a permanência do imigrante e de seus descendentes na Europa começou a ser considerada um problema também de ordem sociocultural (COGO, 2001).

Com a formação da União Europeia em 1993 e seu fortalecimento econômico, o continente europeu tornou-se um referencial hegemônico de progresso e desenvolvimento, o que concorreu para intensificar a entrada de imigrantes no território, bem como para a crescente necessidade de se demarcar, cada vez mais, as fronteiras identitárias devido à multietnicidade de povos dentro de uma mesma nação (COGO, 2001; MARTINS; SILVA, 2011).

O contato entre grupos étnico-nacionais diferentes demanda um processo adaptativo, partindo-se do princípio de que o imigrante está sendo acolhido, desenvolvendo habilidades culturais e mantendo suas redes sociais de apoio, seja com a sociedade de origem ou com a sociedade de destino (MENESES; CASTELLÁ SARRIERA, 2005). Contudo, a atual crise econômica e humanitária que atinge, principalmente, o continente europeu vem reconfigurando a maneira de acolher o imigrante pelo país de destino. A queda da oferta de empregos nos países europeus tem suscitado a empregabilidade de imigrantes de maneira ilegal, retirando, por exemplo, seus direitos de cidadão e definindo ainda mais as fronteiras sociais (FERGUSON,

2013; MATEO, 2013; MONTORO, 2013). Entretanto, mesmo com a diminuição de ofertas de empregos e de políticas de acolhimento aos imigrantes, esse território permanece representado como possuidor da maior e melhor posição entre as hierarquias nacionais e sociais, especialmente no que se refere à manutenção da ideologia dominante, a qual institui e representa a soberania dos territórios detentores do maior fluxo de capital (GAMBINA, 2013; SALUDJIAN, 2013).

De acordo com Milonakis (2011), devido à ideologia capitalista vigente, a atual crise no continente europeu surpreendeu a muitos indivíduos, tendo em vista a noção de sociedade europeia estruturada. É nessa esfera que confluem diferentes espaços de poder (econômico, político, cultural, entre outros) trabalhando na construção de um imaginário social em que se mantêm fortalecidas as ideologias dominantes, hierarquizando não apenas as territorialidades, mas, sobretudo, as diferentes sociabilidades a fim de diferenciar as hegemônicas ou legítimas das minoritárias, as quais atuam na contramão desse sistema de massificação identitária em um esforço cultural e político para não deixar de existir (DELGADO RAMOS, 2015).

A diferenciação entre os europeus e os imigrantes relaciona-se principalmente às imagens e aos estereótipos vinculados a cada um dos povos e nações de origem daqueles que emigram. Nos países europeus com mais brasileiros na Europa (Reino Unido, Portugal, Espanha, Alemanha, França e Itália), de acordo com o MRE (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011), a imagem do brasileiro e das brasileiras, por exemplo, é associada a trabalhos considerados subalternos, de mão de obra desqualificada e também à prostituição (MEIHY, 2013; PISCITELLI, 2008; TORRESAN, 2013). Notícias de jornais e da televisão associam a imagem da mulher brasileira e do Brasil ao retrato da prostituição e da liberalidade, decorrentes da *procura por maridos europeus* (PISCITELLI, 2008). Além disso, a existência da imagem do carnaval brasileiro e da malandragem como típicos do povo (DAMATTA, 1997) pode aludir ao fato de que todo brasileiro, em especial os imigrantes, são descompromissados e oportunistas nas sociedades estrangeiras (MONTEIRO, 2010). Entretanto, há um esforço dos próprios brasileiros para descaracterizar essa imagem do Brasil e do brasileiro e evidenciar as potencialidades do território (GOMES, 2012) e a capacidade de trabalhar, mesmo que de forma ilegal ou indocumentada (BERNARDINO-COSTA, 2012; SILVA; MOREIRA; TURA, 2008).

Ao compreender que também o imigrante brasileiro se orienta por esse referencial ou ideia de progresso, ao mesmo tempo em que tenta preservar e favorecer sua identidade nacional (CARVALHO, 2011), pode-se inferir que esse indivíduo intente recorrer a estratégias de adequação ao país de destino, em função da imagem de maior *status* associada ao território (COUTINHO; OLIVEIRA, 2010). Desse modo, alguns estudiosos têm evidenciado a necessidade de se investigar a manutenção das identidades e as relações entre imigrantes e população local, considerando que, no mundo atual, as sociabilidades encontram-se cada vez mais diluídas e baseadas na hierarquia entre culturas e nações (BERRY, 2004; COUTINHO; OLIVEIRA, 2010; DEBIAGGI; PAIVA, 2004; FRANKEN; COUTINHO; RAMOS, 2012). Bonomo *et al.* (2010), por exemplo, com base no relatório da Organização das Nações Unidas (ONU, 2004), *Liberdade cultural num mundo diversificado*, discutem a existência e a necessidade de superar mitos relacionados ao interesse do Estado frente às realidades multiculturais. De acordo com esses mitos, para o pleno desenvolvimento econômico seria necessária a dissolução das identidades sociais, sobretudo aquelas vinculadas aos grupos minoritários (BONOMO *et al.*, 2010).

O estudo das relações sociais entre culturas diferentes, bem como das implicações psicossociais passíveis de resultar desses processos de interação, pode configurar-se como recurso na reordenação de hierarquias sociais e de processos individuais de identificação (CASTELLÁ SARRIERA; PIZZINATO; MENESES, 2005; COUTINHO; OLIVEIRA, 2010; NASCIMENTO, 2013). A Psicologia Social, nesse sentido, tem discutido de que modo os imigrantes podem alterar seus valores como consequência da transitoriedade migratória, tendo em vista o convívio e a familiarização com diferentes culturas e pensamento sociais (BARDI *et al.*, 2014). Segundo Liu (2012), investigações acerca da estrutura do pensamento social de um grupo, país ou cultura são fundamentais para desenvolver uma perspectiva cultural das relações intergrupais, de modo a compreender de que maneira a sociedade se organiza e como determinadas práticas sociais podem ser transformadas.

Ao compreender que a história de uma sociedade, seus símbolos e representações são alicerces da relação intergrupala entre nações diferentes, ressalta-se que o entendimento e o estudo das imagens e dos estereótipos vinculados ao território brasileiro, e também a comparação com as imagens vinculadas ao território europeu, podem ser favorecidos pela discussão demonstrada pela Teoria das Representações Sociais (TRS) (MOSCOVICI, 1978; 2003). Por ser uma teoria que valoriza o *sensu comum*, a TRS pode contribuir para a compreensão das ideias expressadas e que circulam nas sociedades e nos diversos grupos sociais (MOSCOVICI, 2003).

Teoria das Representações Sociais

A TRS afirma que as representações sociais, como fenômenos da realidade cotidiana, são um conjunto de elementos a respeito de objetos sociais compartilhados por grupos e são produzidas coletivamente em um processo comunicativo e de interação social (RATEAU *et al.*, 2011), desencadeadas e atualizadas em função das demandas da sociedade (CARVALHO, 2011).

Por possuir papel significativo nas dinâmicas sociais, segundo Abric (1998), as representações sociais dispõem de quatro funções, quais sejam: 1) *função de saber*, que permite aos atores sociais ter conhecimento a respeito dos objetos sociais com base em seu funcionamento cognitivo e em seus valores, sendo facilitadora da comunicação social; 2) *função identitária*, as representações sociais têm a responsabilidade de posicionar os indivíduos dentro dos grupos sociais baseados na categorização social, ou seja, permitem que os indivíduos comparem seus *status*, demarcando os limites intergrupais; 3) *função de orientação*, as representações guiam práticas sociais a partir do momento em que determinam um sistema de expectativas e antecipações - são denominadas também de prescritivas, porque definem o tipo de estratégia a ser adotada, determinando comportamentos; e 4) *função justificadora*, permite preservar e justificar a diferenciação intergrupala entre os grupos sociais, pois remete à estereotopia existente nas relações entre os grupos, mantendo a discriminação e a distância entre eles (GALINKIN; ALMEIDA; ANCHIETA, 2012; SILVA; MENANDRO, 2014; SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012).

Lahlou e Abric (2011) afirmam que a representação social é, ao mesmo tempo, processo e conteúdo: 1) como processo, para os autores, as representações sociais são uma série de operações psicológicas (exploração, reconhecimento, categorização, etc.), que se constituem de acordo com as experiências prévias do sujeito da representação; e 2) já como conteúdo, as representa-

ções sociais são o resultado do processo na forma de apresentação ou de imagem, e se baseiam em uma série de elementos que se relacionam entre si.

Para que seja possível realizar uma pesquisa empírica em representações sociais é necessário que sejam observados alguns atributos relativos a sua sociogênese, pois se argumenta que as representações: 1) são *compartilhadas entre um grupo social* de maneira funcional, o que significa dizer que deve haver certa consensualidade entre os membros do grupo; 2) referem-se a um *objeto socialmente relevante* para esse grupo; 3) obedecem a um critério de *prática*, que sugere a mudança de comportamento dos membros de um grupo em função de uma nova representação; 4) implicam ações, relativas ao objeto com critério de *holomorfose*, ou seja, ações que são desempenhadas de maneira prevista pelos indivíduos de um grupo; e 5) seguem um critério de *afiliação* que corresponde a uma avaliação da metainformação sobre o grupo e sua representação holomórfica (ARRUDA, 2002; CAMARGO; JUSTO; JODELET, 2010; JODELET, 2011; MOSCOVICI, 1978, 2003; WAGNER, 1998).

Além disso, da proposição da *grande teoria* por Moscovici (1978) surgiram outras perspectivas teórico-metodológicas com o objetivo de complementar a TRS. Pelo exposto, optou-se neste trabalho pela interpretação dos dados com base na Teoria do Núcleo Central (TNC), proposta por Jean Claude Abric (1993, 1998).

Teoria do Núcleo Central

O modelo teórico sugerido pela TNC apoia-se na proposição de que as representações sociais estão organizadas em uma estrutura, que é formada por elementos qualificados de acordo com suas relações no interior do campo representacional ou do universo semântico associado ao objeto (LAHLOU; ABRIC, 2011). Segundo Abric (1993, 1998), as representações sociais são compostas por um núcleo central, que congrega os elementos mais estáveis e significativos do objeto representado, e por um sistema periférico, que contém os elementos mais sensíveis ao contexto (WACHELKE; WOLTER, 2011).

Abric (1998) afirma que os componentes do sistema periférico são os mais acessíveis, vivos e concretos da representação, possuindo as seguintes funções: 1) *função de concretização*: permite a formulação das representações em termos concretos, imediatamente compreensíveis ao sujeito; 2) *função de regulação*: os elementos periféricos regulam as representações, uma vez que permitem a movimentação e a evolução de sua estrutura, diferentemente da estabilidade do núcleo; e 3) *função de defesa*: protegem o núcleo central, visto que uma mudança provocaria a alteração completa da representação (GAZZINELLI *et al.*, 2013).

Wachelke e Camargo (2007) enfatizam que a perspectiva estrutural prioriza o estudo da objetivação e da organização interna das representações. Oliveira (2013) informa que a utilização da abordagem estrutural na análise da construção e da transformação das representações sociais da AIDS, por exemplo, possui papel importante ao sinalizar as mudanças de comportamento frente às novas descobertas científicas sobre a doença. Vale ressaltar que estudos dentro da abordagem estrutural (ASCUNTAR; *et al.* 2010; MÄKINIEMIA; PIRTTILÄ-BACKMANA; PIERIB, 2011) utilizam-se de instrumentos que priorizam a presença de uma palavra como estímulo, que faça referência ao objeto em questão e sobre o qual os indivíduos

entrevistados devem expressar o *que sentem, pensam ou imaginam* (COSTA; OLIVEIRA; FORMOZO, 2012; TORRES, 2013).

Tendo em vista as proposições apresentadas, objetiva-se neste estudo analisar as representações sociais de *Brasil* e *Europa* para brasileiros imigrantes nos seis países europeus com mais brasileiros, de acordo com o MRE (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES 2011): Reino Unido, Portugal, Espanha, Alemanha, França e Itália.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 180 brasileiros imigrantes nos seis países com mais brasileiros na Europa (MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2011), sendo 30 de cada um deles. Os participantes encontravam-se na condição de imigrantes há, no mínimo, 3 meses e foram contatados em seu país de residência de maneira *on-line* por meio de redes sociais e fóruns na internet. Utilizou-se a técnica de *bola de neve*, na qual cada participante indicava outro para responder à pesquisa.

Dos respondentes da pesquisa 2,2% (4 participantes) afirmam ter saído do Brasil há 3 meses, 2,2% (4 participantes) de 4 a 6 meses, 5% (9 participantes) entre 6 meses e 1 ano, 5% (9 participantes) de 1 ano a 2 anos, 26,7% (48 participantes) de 2 anos a 5 anos, 31,1% (56 participantes) de 5 a 10 anos, 21,1% (38 participantes) de 10 a 15 anos e 6,7% (12 participantes) afirmam ter saído do país há mais de 15 anos.

Em relação ao tempo atual de residência no país europeu, 3,3% (6 participantes) afirmam viver no país de destino há 3 meses, 3,9% (7 participantes) entre 4 e 6 meses, 6,1% (11 participantes) entre 6 meses e 1 ano, 7,2% (13 participantes) de 1 a 2 anos, 31,7% (57 participantes) de 2 a 5 anos, 27,2% (49 participantes) de 5 a 10 anos, 15% (27 participantes) de 10 a 15 anos e 5,6% (10 participantes) afirmam residir no país europeu há mais de 15 anos.

Em relação às inserções profissionais dos participantes, observa-se que 62% estão empregados. A maior parte deles atua na área de Educação (21,7% ou 39 participantes) e na área de Comércio (8,3% ou 15 participantes). Outras áreas profissionais também foram registradas: área de saúde (15% ou 27 participantes), área de entretenimento (6,1% ou 11 participantes), área de administração (14,4% ou 26 participantes), área de cuidados - como ajudantes ou babás - (3,9% ou 7 participantes), área de tecnologias de informação (4,4% ou 8 participantes), área de criação (9,4% ou 17 participantes), área jurídica (2,2% ou 4 participantes) e área de construção civil (3,9% ou 7 participantes). Afirmam não possuir trabalho formal 7,3% da amostra ou 13 participantes. Inserções em outras áreas profissionais somaram 3,4% da amostra (6 participantes).

Instrumento de coleta de dados

Para a coleta dos dados, realizada durante o ano de 2013, foi elaborado e disponibilizado *on-line* um instrumento com perguntas semiestruturadas. Inicialmente, os brasileiros responderam às questões referentes às representações sociais de *Brasil* e *Europa*. Nessas questões, os

participantes deveriam descrever o que pensavam ou sentiam quando se deparavam com os objetos sociais em questão (Brasil e Europa). Em seguida, responderam a uma questão que versou sobre o motivo de emigrar e a uma seção de dados sociodemográficos.

Tratamento de dados

Os dados coletados *on-line* eram arquivados imediatamente na plataforma *Google Docs*. Os dados foram tratados pelo *software* EVOC, que processa os elementos evocados com base na frequência e na hierarquia, segundo a posição em que são evocados pelo respondente (VERGES, 2000). A análise dos dados pelo *software* EVOC permite construir a estrutura das representações sociais conforme a disposição dos elementos em quatro quadrantes: (1) no primeiro deles encontram-se os elementos mais prontamente evocados e com maior frequência, sendo, possivelmente, constituintes do *núcleo central* da representação social; (2) no segundo quadrante, estão os elementos da *primeira periferia*, que alcançaram alta frequência, mas que foram evocados em posições mais inferiores; (3) já no terceiro quadrante, ou na denominada *zona de contraste*, há elementos com baixa frequência de evocação, mas que foram evocados mais prontamente; e, por fim, (4) no quarto e último quadrante estão os elementos que constituem a *segunda periferia* ou *periferia distante*, constituída de termos menos citados prontamente pelos sujeitos da representação (GOMES; OLIVEIRA, 2005; MACHADO; ANICETO, 2010; WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Análise dos riscos

Com base na resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõem sobre as normas para pesquisa com seres humanos, avaliou-se que o presente estudo apresenta mínimo risco aos indivíduos que dele participaram. Destaca-se que a concordância dos respondentes em participar da pesquisa foi formalmente registrada por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que informava a respeito do sigilo quanto à identidade de cada respondente e sobre a utilização do conteúdo das respostas apenas para fins científicos e de pesquisa.

Resultados

Dentre as motivações para emigrar e permanecer no país europeu, os participantes descreveram diversas razões sem, muitas vezes, se limitar a um único argumento.

Tabela 1. Motivações para emigração (frequências absoluta e relativa)

Motivações para saída do Brasil		
Casamento ou família	56	24,6%
Oportunidade profissional	40	17,2%
Viver em outra cultura	37	16,1%
Qualidade de vida	36	15,6%
Estudos	33	14,3%
Motivos econômicos	15	6,5%
Insatisfação com o Brasil	13	5,7%
Total de respostas	230	

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Conforme dados apresentados na Tabela 1, 15,6% (36 participantes) afirmam ter emigrado em função da procura por qualidade de vida, 24,6% (56 participantes) devido a casamentos binacionais ou em função da família, 6,5% (15 participantes) por motivos econômicos, 17,2% (40 participantes) pela oportunidade profissional, 5,7% (13 participantes) pela insatisfação com o Brasil, 14,3% (33 participantes) para estudar e 16,1% (37 participantes) afirmam ter emigrado porque gostariam de viver em outra cultura. As frequências foram calculadas com base na quantidade de vezes em que determinada motivação foi citada em relação ao número total de respostas para essa questão (n = 230).

Cada motivação correspondeu a um conjunto de respostas equivalentes à categoria proposta: 1) *casamento ou família na Europa* – citaram o casamento com um europeu ou a ida para viver com a família que já havia emigrado; 2) *oportunidade profissional* – ida e permanência por transferência de uma empresa brasileira para filial europeia ou por necessidade de um emprego melhor; 3) *viver em outra cultura* – afirmaram a necessidade de se aventurar, conhecer outras culturas e aprender novos hábitos; 4) *busca por qualidade de vida* – refere-se à necessidade de viver em um lugar mais seguro, com melhor qualidade de vida, respeito, educação e ética entre as pessoas; 5) *estudos* – motivação inicial por estudos em língua estrangeira ou pós-graduação; 6) *motivos econômicos* – evidenciaram como motivador o acúmulo de recurso financeiro; e 7) *insatisfação com o Brasil* – mencionaram a insatisfação com a violência e corrupção.

As categorias apresentadas sugerem diversidade nos fatores que favoreceram a emigração dos brasileiros para países do território europeu. Considerando-se que os processos migratórios sofrem influência das representações sociais elaboradas pelas sociedades e grupos acerca das mais diferentes sociabilidades, para além das motivações iniciais que impulsionaram a saída de nacionais do Brasil, apresenta-se como importante contribuição conhecer os significados construídos por esses sujeitos a respeito da territorialidade de origem e de destino.

Representações sociais de Brasil e Europa

A estrutura gerada pelo *software* EVOC para o termo *Brasil* possui ordem média de evocações de 3,0 e frequência mínima de 10, enquanto para o termo *Europa*, obteve-se ordem média de evocação de 2,8 e frequência mínima de 19 (Ver Tabela 2).

Tabela 2. Estrutura do núcleo central das representações sociais associadas aos termos indutores Brasil e Europa

Núcleo central Frequência ≥ 17 e Classificação média < 3.0			Núcleo central Frequência ≥ 19 e Classificação média < 2.8		
Brasil			Europa		
Termos	Freq.	Ordem	Termos	Freq.	Ordem
Família	70	2.5	Cultura	45	2.8
Alegria	42	2.9	Segurança	40	2.5
Saudade	40	2.3	Frio	33	2.6
Violência	36	2.9	Velho Mundo	28	2.4
Calor	26	3.0	Qualidade de vida	22	2.5
Insegurança	21	2.6	Dinheiro	20	2.6
Desorganização	20	2.8	Educação	20	2.6
Casa	18	2.8	Oportunidade	19	2.3

Amor	17	2.6			
------	----	-----	--	--	--

Fonte: Elaborada pelas autoras.

No núcleo central do campo representacional de *Brasil*, os elementos possuem uma frequência mínima maior ou igual a 17 e uma classificação média (por ordem de evocação) menor do que 3,0. Já os elementos pertencentes ao núcleo central de *Europa* possuem frequência mínima maior ou igual a 9 e classificação média menor do que 2,8. Nota-se que os elementos evocados comungam de um campo que se polariza por aspectos positivos e negativos em função de significados característicos próprios.

Tabela 3. Estrutura da primeira periferia das representações sociais associadas aos termos indutores Brasil e Europa

1ª Periferia Frequência ≥ 17 e Classificação média ≥ 3.0			1ª Periferia Frequência ≥ 19 e Classificação média ≥ 2.8		
Brasil			Europa		
Termos	Freq.	Ordem	Termos	Freq.	Ordem
Corrupção	38	3.2	História	28	2.9
Amigos	37	3.1	Beleza	19	3.1
			Crise econômica	19	2.9

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 3 é possível visualizar os elementos pertencentes à primeira periferia, tanto da estrutura para o termo indutor *Brasil* quanto para o termo indutor *Europa*. Os elementos para o termo *Brasil* possuem frequência mínima maior ou igual a 17 e ordem média de evocação maior ou igual a 3,0. Já os elementos para o termo *Europa* possuem frequência maior ou igual a 19 e ordem média de evocação maior ou igual a 2,8.

Tabela 4. Estrutura da zona de contraste das representações sociais associadas aos termos indutores Brasil e Europa

Zona de Contraste Frequência ≥ 17 e Clas-sificação média ≥ 3.0			Zona de Contraste Frequência ≥ 19 e Clas-sificação média ≥ 2.8		
Brasil			Europa		
Termos	Freq.	Ordem	Termos	Freq.	Ordem
Sol	14	2.3	Organização	14	2.1
Potencial	14	2.0	Tranquilidade	11	2.4
Pobreza	12	2.3	Casa	11	1.5
Desigualdade	10	2.3	Liberdade	10	2.6

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Na Tabela 4 apresentam-se as zonas de contraste para ambos os termos indutores. A zona de contraste do termo *Brasil* possui elementos com frequência menor do que 17 e ordem média de evocação de 3,0. A zona de contraste do termo *Europa* possui uma frequência de evocação menor do que 19, mas sua classificação média na ordem de evocações foi menor do que 2,8, incluindo os elementos mais prontamente evocados.

Tabela 5. Estrutura da segunda periferia das representações sociais associadas aos termos indutores Brasil e Europa

2ª Periferia Frequência ≥ 17 e Clas-sificação média ≥ 3.0			2ª Periferia Frequência ≥ 19 e Clas-sificação média ≥ 2.8		
Brasil			Europa		
Termos	Freq.	Ordem	Termos	Freq.	Ordem
Praia	13	2.8	Trabalho	16	2.9
Falta de Edu- cação	11	3.9	Diversidade	13	2.9
Raízes	11	3.0	Viajar	12	3.3
Medo	10	3.4	Respeito	10	3.2
			Recomeço	10	2.9

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Por fim, a Tabela 5 apresenta os elementos que constituem a segunda periferia para os termos *Brasil* e *Europa*. Esses elementos da periferia distante possuem para o termo indutor *Brasil* uma frequência mínima menor do que 17, com ordem média de evocações maior que 3,0. Os elementos da periferia distante para o termo indutor *Europa*, por sua vez, possuem frequência mínima menor do que 19 e uma classificação da ordem média de evocações maior que 2,8.

Ao considerar o conjunto de resultados apresentados, a indicação de uma rede de apoio nas representações sociais de Brasil pode ser identificada nos termos *família*, *casa* (presentes no núcleo central), *amigos* (primeira periferia) e *raízes* (segunda periferia). Os brasileiros compartilham de sentimentos positivos quando evocam elementos como *alegria*, *amor* e *saudade* (núcleo central), que podem sugerir possível relação de afeto com a pátria de origem. Por outro lado, verifica-se a existência de elementos contrários à lógica anteriormente descrita: termos como *insegurança*, *violência*, *desorganização* (núcleo central), *corrupção* (primeira periferia), *desigualdade* e *pobreza* (zona de contraste), bem como *medo* e *falta de educação* (segunda periferia), elucidam um pensamento de insatisfação com o território, compondo um campo de significados formado por ambiguidades.

Pode-se, ademais, compreender que a palavra *potencial*, na zona de contraste, demonstra certo domínio, e expressa expectativa e otimismo em relação ao território de origem. Houve, ainda, evocações de elementos caracterizadores do território brasileiro em função de seu clima e geografia: *calor* (núcleo central), *sol* (zona de contraste) e *praia* (segunda periferia).

Dos termos verificados na estrutura de *Brasil*, no campo semântico associado à Europa, manteve-se o elemento *casa* (zona de contraste). Apesar de apresentar menor frequência do que a observada em *Brasil*, o termo *casa* na estrutura de *Europa* favorece a compreensão das motivações dos brasileiros que foram construir suas famílias em um novo país e que fizeram dele seu novo lar.

Observa-se, ainda, na estrutura de *Europa* um conjunto de significados que assinala sentimentos positivos em relação a ela. Elementos como *segurança* (núcleo central), *tranquilidade* e *liberdade* (zona de contraste) destacam aspectos de caráter positivo considerados presentes

nesse território. Elementos com essa qualificação e dimensão valorativa não aparecem na estrutura de *Brasil*.

A caracterização positiva do território pode ser indicada ainda com base nos elementos *cultura, velho mundo, qualidade de vida, dinheiro, educação e oportunidade* (no núcleo central), *história e beleza* (na primeira periferia), *organização, desenvolvimento* (na zona de contraste) e *trabalho, diversidade, viajar, respeito e recomeço* (na segunda periferia). Os únicos termos que aludem à desvantagem em se estar na *Europa* são a *crise econômica* (na primeira periferia) e o *frio* (no núcleo central), pois opõem tais elementos ao *calor* e ao *potencial* indicados pelos participantes nas evocações de *Brasil*.

Discussão

Como o objetivo deste estudo é o de conhecer as representações sociais de *Brasil e Europa* para brasileiros migrantes, ressalta-se que a discussão acerca dos processos migratórios na atual conjuntura deve considerar tanto a esfera macrossocial quanto o indivíduo que efetua a mobilidade (CASTELLÁ SARRIERA; PIZZINATO; MENESES, 2005). Importante ressaltar que o fenômeno migratório possui implicações políticas no sentido de que o indivíduo que emigra possivelmente age também em decorrência de parâmetros da economia mundial (COGO, 2001; OLIVEIRA, 2012), bem como da estrutura social vigente, que demanda o estabelecimento do fluxo humano em razão do fluxo de capital (GAMBINA, 2013; SALUDJIAN, 2013).

Desse modo, apesar da crise econômica atual, a imigração de brasileiros para o continente europeu continua sendo um fenômeno saliente devido ao pensamento e à manutenção de hierarquias sociais e territoriais que instigam a procura por diferentes condições de vida em países considerados de maior *status* (COUTINHO; OLIVEIRA, 2010; DELGADO RAMOS, 2015). Esse panorama encontra-se retratado nos resultados das representações sociais para o termo *Europa*, em que os brasileiros apresentam suas justificativas para permanecer naquele território ressaltando características de cunho positivo que reafirmam elementos de dominação da sociabilidade europeia (MONTORO, 2013).

O processo migratório como fenômeno psicológico tem sido estudado com base nas relações sociais estabelecidas entre o migrante e o grupo nacional do país de destino (BERRY, 2004; COUTINHO; OLIVEIRA, 2010; DEBIAGGI; PAIVA, 2004; FRANKEN; COUTINHO; RAMOS, 2012). Com base nessas proposições, a migração pode provocar diversas mudanças no afeto e nos valores do indivíduo, uma vez que a existência de hierarquias sociais e de processos individuais de identificação podem se contrapor a um sentimento de ameaça vivenciado pelo grupo migrante em país estrangeiro (COUTINHO; OLIVEIRA, 2010; NASCIMENTO, 2013).

A Psicologia Social tem se ocupado também em discutir de que maneira os imigrantes mudam seus valores com base na transitoriedade migratória refletida no convívio e na familiarização com diferentes culturas e pensamentos sociais (BARDI *et al.* 2014). Baseando-se nos estudos de Liu (2012), é possível afirmar que entender as representações sociais a respeito dos territórios *Brasil e Europa* está em consonância com a tarefa de se compreender a dinâmica do pensamento social de um grupo nacional, o que pode favorecer a elaboração de uma leitura mais profunda sobre as relações intergrupais e o modo de organização da sociedade. Dessa forma, destaca-se que, mesmo com a afirmação da supremacia territorial europeia, o imigrante brasi-

leiro, ao representar o seu território de origem, visa demarcar também a sua identidade (DELGADO RAMOS, 2015). Por configurar-se como grupo minoritário no contexto migratório, o brasileiro esforça-se para manter sua identidade ao apontar as características positivas de seu povo, ao mesmo tempo em que reconhece a necessidade de justificar a ação de emigrar.

A estrutura da representação social de *Brasil* possui elementos tanto de ordem positiva quanto negativa. Em sua maioria, estão relacionados à questão afetiva, pois elementos como *família*, *saudade*, *casa* e *amor* possivelmente indicam uma relação de apoio e pertencimento ao Brasil que ainda se mantém. Meneses e Castellá Sarriera (2005) afirmam a importância da manutenção de redes de apoio para os imigrantes a fim de que preservem seus relacionamentos sociais de forma saudável. Por outro lado, a respeito do território brasileiro destacam elementos indicadores de insatisfação. Diante da *violência*, *insegurança*, *desigualdade*, *pobreza*, *medo* e do fato de considerar o país como *desorganizado*, salientam que, apesar do afeto positivo e da identificação com o país, existe um desencanto com o território e com o que ele tem a oferecer (MARGOLIS, 2013; SCHERVIER, 2005).

Comparativamente, constata-se a existência de muitos elementos positivos na representação social de *Europa*. O território de destino é concebido pelos brasileiros com base em seus elementos positivos que evidenciam sua *cultura*, *qualidade de vida*, *educação* e *oportunidades*. A *segurança*, *tranquilidade* e *liberdade* também estão presentes na estrutura da representação de *Europa*, como se verifica nos estudos de Cogo (2001) e Oliveira (2012), os quais afirmam a referência do continente europeu como território de modelo desenvolvimentista ideal.

Pode-se depreender da análise dos resultados encontrados que o brasileiro migrante, participante deste estudo, reproduz o que a TRS chama de pressão à hegemonia (MOSCOVICI, 1978) ao se referir à apropriação das representações de caráter mais dominante, largamente compartilhadas e mais coercitivas, as quais possivelmente são difundidas a favor das nações que são modelos ideológicos (GAMBINA, 2013; MOSCOVICI, 1978; SALUDJIAN, 2013).

Ao se fazer uma comparação entre os núcleos centrais das duas representações a respeito dos territórios de origem e de destino, percebe-se a confirmação dessa dinâmica de posituação da Europa (CARVALHO, 2011). Convém ressaltar que a indicação de que existe uma noção de modelos referenciais sustentados por lógicas de hierarquia cultural (MARTINS; SILVA, 2011) remete a essa conjuntura. Isso porque se observa a preferência pelos padrões dos países europeus, de modo a se enfatizar apenas elementos de características positivas no núcleo central da estrutura da representação em detrimento da existência de elementos negativos no núcleo da representação de *Brasil*.

O campo representacional segue o mesmo padrão do núcleo central, ou seja, os brasileiros, sujeitos da representação, continuam a evidenciar elementos apenas de cunho afetivo e geográfico como positivos para o Brasil. Outros aspectos como *corrupção* (na primeira periferia) e *falta de educação* (na segunda periferia) sugerem a continuidade da atualização da representação como sendo negativa ao se referir ao território brasileiro.

Ao ter como tarefa concretizar em termos imediatamente compreensíveis a *defesa* do núcleo central e a regulação da representação, a periferia permite que a estrutura seja flexível ao contexto (ABRIC, 1998; GAZZINELLI *et al.*, 2013). Dessa forma, a periferia da estrutura da repre-

sentação de *Europa* favorece a atualização da representação em continuidade à existência de aspectos positivos (*história, beleza* – na periferia próxima; e *trabalho, diversidade, viajar, respeito e recomeço* – na segunda periferia). Ressalta-se, contudo, a percepção sobre a função exercida pela primeira periferia da estrutura de *Europa*, a qual desempenha o papel de regular a representação em sua atualização, possibilitando a defesa do núcleo central (ABRIC, 1993; WACHELKE; WOLTER, 2011), quando acolhe o elemento *crise econômica*, referindo-se ao momento atual desfavorável vivido pelo e no continente europeu (BRUM; BEDIN; PEDROSO, 2012; MOTA, 2013).

A análise dessas estruturas a respeito dos territórios associa-se às funções das representações descritas por Abric (1998). A *função justificadora* pode ser identificada, posto que o brasileiro precisa justificar a sua migração, em termos logicamente positivados, apesar do afeto associado ao Brasil. As características de cunho favorável encontradas nos elementos referentes ao território europeu e a negatividade dos mesmos referentes ao território brasileiro possuem também a *função de orientar* a prática migratória, determinando um sistema de expectativas (ABRIC, 1998). O brasileiro justifica sua migração para o território europeu pelas vantagens sociais e econômicas, por meio das quais o continente é representado hegemonicamente (CARVALHO, 2011; COGO, 2001; OLIVEIRA, 2012).

Em linhas gerais, os dados indicaram que as estruturas dos campos representacionais a respeito dos territórios *Brasil* e *Europa* enfatizam as *funções justificadora, orientadora e identitária* das representações (ABRIC, 1993, 1998). A função justificadora demonstra a necessidade de se fundamentar a permanência no continente europeu, tendo em vista a crise econômica hoje existente na Europa e o desencanto com o território brasileiro. A estrutura representacional do território europeu enfatiza as vantagens de estar nesses países. De modo a orientar a migração, as representações sociais de *Brasil* e *Europa* possuem oposições. Apesar do afeto associado ao Brasil e da indicação de que as redes sociais de apoio ainda se mantêm no país de origem, os brasileiros salientam aspectos negativos e de insatisfação com o território, o que orienta a conveniência da migração para um lugar considerado mais vantajoso e com uma sociabilidade mais positiva (SILVA; MENANDRO, 2014).

Contudo, apesar de os dados a respeito dos territórios justificarem e orientarem o propósito da ação de migrar, as representações sociais de *Brasil* e *Europa* demonstram também a necessidade de se afirmar e proteger a identidade do grupo de origem (ABRIC, 1998; GALINKIN; ALMEIDA; ANCHIETA, 2012). Porém, apesar da demarcação identitária, os brasileiros que saem do Brasil para o território europeu reiteram as representações hegemônicas sobre os territórios e os grupos do continente de destino como nações de referencial desenvolvimentista e ideal econômico (CARVALHO, 2011; COGO, 2001; OLIVEIRA, 2012). As representações sociais identificadas neste estudo demonstram, portanto, não só a maneira como os indivíduos organizam determinados conhecimentos a respeito de um objeto social, mas também indicam a forma pela qual o grupo define sua identidade no contexto da cultura, dos conflitos intergrupais e das relações de poder (SOUZA; NÓBREGA; COUTINHO, 2012).

Referências

ABRIC, J. C. Central system, peripheral system: their functions and roles in the dynamics of social representations. **Papers on Social Representations**, v. 2, n. 2, p. 75-78, 1993.

- ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.
- ASCUNTAR, J. M. *et al.* Fear, infection and compassion: social representations of tuberculosis in Medellin, Colombia, 2007. **The international journal of tuberculosis and lung disease**, Chicago, v. 14, n. 10, p. 1323-1329, 2010.
- BARDI, A *et al.* Value stability and change during self-chosen life transitions: self-selection versus socialization effects. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, DC, v. 106, n. 1, p. 131-147, 2014.
- BERNARDINO-COSTA, J. Migração, trabalho doméstico e afeto. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 39, n. 1, p. 447-459, 2012.
- BERRY, J. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, S.; PAIVA, G. J. (Orgs.), **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29 – 45.
- BONOMO, M. *et al.* Gadjés em tendas Calons: um estudo exploratório com grupos ciganos semi-nômades em território capixaba. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 4, n. 2, p. 160-171, 2010.
- BRUM, A. L.; BEDIN, G. A.; PEDROSO, M. N. C. A globalização, o declínio da soberania do estado e a crise econômica de 2007/2008: a necessidade de criação de um sistema de governança econômica global. **Conexão Política**, Teresina, v. 1, n. 1, p. 31-47, 2012.
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M.; JODELET, D. Normas, representações sociais e práticas corporais. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, p. 449-457, 2010.
- CARVALHO, J. G. S. Em terra de papagaio dragão não se cria: uma abordagem psicossocial da relação entre brasileiros e chineses. **Contemporânea**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 165 – 182, 2011.
- CASTELLÁ SARRIERA, J.; PIZZINATO, A.; MENESES, M. P. R. Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 5-13, 2005.
- COGO, D. Mídia, imigração e interculturalidade: mapeando as estratégias de midiaticização dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. **Revista eletrônica de comunicação e informação**, v. 4, n. 1/2, p. 11-32, 2001.
- COSTA, T. L.; OLIVEIRA, D. C.; FORMOZO, G. A. Representações sociais sobre pessoas com HIV/AIDS entre enfermeiros: uma análise estrutural e de zona muda. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Niterói, v. 12, n. 1, p. 242-259, 2012.

- COUTINHO, M. P. L.; OLIVEIRA, M. X. Tendências comportamentais frente à saúde de imigrantes brasileiros em Portugal. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 22, n. 3, p. 548-557, 2010.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- DELGADO RAMOS, G. C. Configuraciones del territorio: desarrollo, desarrollismo, transiciones y alternativas. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 7, n. 2, p.32-58, 2015.
- FERGUSON, I. Austeridade no Reino Unido: o fim do estado de bem estar social? **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p. 65-88, 2013.
- FRANKEN, I.; COUTINHO, M. P. L.; RAMOS, M. N. P. Representações sociais, saúde mental e imigração internacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília (DF), v. 32, n. 1, p. 202-219, 2012.
- FUSCO, W. As redes sociais nas migrações internacionais: migrantes brasileiros para os Estados Unidos e o Japão. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 161-163, 2002.
- GALINKIN, A. L.; ALMEIDA, A. M. O.; ANCHIETA, V. C. C. Representações sociais de professores e policiais sobre juventude e violência. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 53, p. 365-374, 2012.
- GAMBINA, J. C. Ante la crisis mundial del capitalismo: pensar el socialismo. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p. 27-37, 2013.
- GAZZINELLI, M. F. C. *et al.* Representações sociais da educação em saúde pelos profissionais da equipe de saúde da família. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 553-571, 2013.
- GOMES, A. M. T.; OLIVEIRA, D. C. Estudo da estrutura da representação social de autonomia profissional em enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 145-153, 2005.
- GOMES, M. S. A imagem do Brasil no exterior e o turismo: a operacionalização do Plano Aquarela em Portugal. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 4, n. 4, p. 506-521, 2012.
- JODELET, D. Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 19-26, 2011.
- LAHLOU, S.; ABRIC, J. C. What are the “elements” of a representation? **Papers on Social Representations**, n. 20, p. 20.1-20.10, 2011.

LIU, J. H. A cultural perspective on intergroup relations and social identity. **Online Readings in Psychology and Culture**, v. 5, n. 3, p. 1-16, 2012.

MACHADO, L. B.; ANICETO, R. A. Núcleo central e periferia das representações sociais de ciclos de aprendizagem entre professores. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 345-364, 2010.

MÄKINIEMIA, J. P., PIRTTILÄ-BACKMANA, A. M.; PIERIB, M. Ethical and unethical food. Social representations among Finnish, Danish and Italian students. **Appetite**, v. 56, n. 2, p. 495-502, 2011.

MARGOLIS, M. L. **Goodbye, Brazil**: emigrantes brasileiros no mundo. São Paulo: Contexto, 2013.

MARTINS, L. M.; SILVA, J. M. As Representações sociais de portugueses sobre os imigrantes brasileiros no Youtube. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 51-64, 2011.

MATEO, J. P. La eurozona, el modelo especulativo-inmobiliario y el movimiento obrero en España. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p. 44-64, 2013.

MEIHY, J. C. S. B. Vidas putas: globalização e prostituição de mulheres brasileiras na Europa. **Revista Diversitas**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 90-100, 2013.

MENESES, M. P. R.; CASTELLÁ SARRIERA, J. Redes sociais na investigação psicossocial. **Aletheia**, Canoas, n. 21, p. 53 - 67, 2005.

MILONAKIS, D. Crise Econômica, a Crise da Economia e o Futuro da Economia Política. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 3, n. 2, p. 12-30, 2011.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no mundo**: estimativas. 3. ed. Brasília (DF), jun. 2011. Disponível em:

<<http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/pt-br/file/Brasileiros%20no%20Mundo%202011%20-%20Estimativas%20-%20Terceira%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20v2.pdf>>. Acesso em 29 de junho de 2015.

MONTEIRO, R. L. T. **A construção da imagem do brasileiro em Portugal e as estratégias de afirmação identitária**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 2010.

MONTORO, X. El euro, caballo de Troya del FMI en Europa. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p. 6-26, 2013.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOTA, L. A. Capitalismo contemporâneo, desigualdades sociais e a crise de 2008. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional de Blumenau**, Blumenau, v. 1, n. 1, p. 51-64, 2013.

NASCIMENTO, A. I. **Migração estudantil e a aprendizagem de uma segunda língua: estudantes estrangeiros em Portugal e suas representações pessoais e socioculturais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, 2013.

OLIVEIRA, E. Linhas Tênuas, Fronteiras Fortificadas: a imigração na França pelas imagens do filme Bem-vindo. **Anagrama**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-16, 2012.

OLIVEIRA, D. C. Construção e transformação das representações sociais da AIDS e implicações para os cuidados de saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, n. 1, p. 1-10, 2013.

PADILLA, B.; ORTIZ, A. Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília (DF), v. 20, n. 39, p. 159-184, 2012.

PISCITELLI, A. Transits: Brazilian women migration in the context of the transnationalization of the sex and marriage markets. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 101-136, 2008.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Relatório do Desenvolvimento Humano 2004**: liberdade cultural num mundo diversificado. Lisboa: IPAD, 2004. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/hdr/arquivos/RDHglobais/hdr2004-portuguese.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2015.

RATEAU, P. *et al.* C. Social representations theory. In: VAN LANGE, P. A. M.; KRUGLANSKI, A. W.; HIGGINS, E. T. (Orgs.). **Handbook of theories of social psychology**. Thousand Oaks: Sage, 2011. p. 477-497.

SALUDJIAN, A. O capitalismo nasceu e permanece mundial. **Argumentum**, Vitória (ES), v. 5, n. 2, p. 38-43, 2013.

SCHERVIER, Z. Brasileiros no Canadá: em busca de segurança? **Interfaces Brasil/Canadá**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 231-252, 2005.

SILVA, S. P. C.; MENANDRO, M. C. S. As representações sociais de saúde e de seus cuidados para homens e mulheres idosos. **Saúde e Sociedade São Paulo**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 626-640, 2014.

SILVA, A. O.; MOREIRA, M. A. S. P.; TURA, L. F. R. Imigração, trabalho, saúde e representações sociais: o caso brasileiro em Portugal. **Interacções**, Lisboa, n. 15, p. 41-52, 2008.

SOUZA, A. X. A.; NOBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 588-596, 2012.

TEDESCO, J. C.; MACIEL, E. N. Migrações internacionais, gênero, redes étnicas e irmandades culturais: aspectos da emigração de brasileiros para a Itália. **História: debates e tendências**, Passo Fundo, v. 7, n. 2, p. 243-262, 2008.

TORRES, R. B. **Representação social dos areais e mídia**. 2013. 334f. Tese (Doutorado em Geografia)-Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Porto Alegre, 2013.

TORRESAN, A. Outros destinos: Europa continental, Inglaterra e República da Irlanda. In: MARGOLIS, M. L. (Org.). **Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 52-74.

WACHELKE, J. F. R.; CAMARGO, B. V. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007.

WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília (DF), v. 27, n. 4, p. 521-526, 2011.

WAGNER, W. Sócio-gênese e características das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998. p. 3-25.

VERGES, P. *Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations: Manuel Version 2.00*. Aix-en-Provence: Laboratoire Méditerranéen de Sociologie, 2000.

ZANINI, M. C. C.; ASSIS, G. O.; BENEDUZI, L. F. Ítalo-Brasileiros na Itália no século XXI: "retorno" à terra dos antepassados, impasses e expectativas. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília (DF), v. 21, n. 41, p. 139-162, 2013.